

ASSUMIR OS CACHOS
CABELO, IDENTIDADE E AMIZADE ENTRE
MENINAS ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA
NA CIDADE DE CAMPINAS (BRASIL)

MARIA FERNANDA CORRÊA FRAZÃO

Nº 240/2024

E-Working Paper | Número 240/2024

ASSUMIR OS CACHOS

CABELO, IDENTIDADE E AMIZADE ENTRE MENINAS
ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA NA CIDADE DE CAMPINAS
(BRASIL)

MARIA FERNANDA CORRÊA FRAZÃO

cies _iscte
Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia

Lisboa | maio 2024

© Maria Fernanda Corrêa Frazão , 2024

Maria Fernanda Corrêa Frazão

Assumir os cachos. Cabelo, identidade e amizade entre meninas adolescentes em uma escola na cidade de Campinas (Brasil)

Primeira publicação: maio de 2024

ISSN: 1647-0893

Conselho editorial:

Sandra Palma Saleiro (coordenadora)

Ana Margarida Barroso

Jorge Vieira

Nuno de Almeida Alves

Rita Cachado

Rosário Mauritti

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Composição em caracteres Futura, 12

Propriedade do título: CIES-Iscte

Correspondência:

CIES-Iscte, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, **Edifício CVTT**

Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 21 046 4018

E-mail: cies@iscte-iul.pt

ASSUMIR OS CACHOS

CABELO, IDENTIDADE E AMIZADE ENTRE MENINAS ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA NA CIDADE DE CAMPINAS (BRASIL)

Maria Fernanda Corrêa Frazão

Maria Fernanda Corrêa Frazão mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil, e licenciada em Dança pela mesma universidade. Foi investigadora visitante no CIES - Iscte-IUL entre 2023 e 2024. Tem se dedicado a investigar articulações entre género, juventude e escola em regiões periféricas em contextos brasileiros. E-mail: mariafernandacf@gmail.com

Resumo O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento, realizada em um território vulnerável na cidade de Campinas, São Paulo (Brasil). Seu objetivo é discutir a importância do cabelo na construção da identidade e dos vínculos de amizade de meninas adolescentes e como o fenômeno da transição capilar tem sido importante no movimento de valorização racial de pessoas negras. Para isso, discuto como o padrão estético do branqueamento opera uma pressão pelo alisamento do cabelo de mulheres negras e, em seguida, apresento como nos últimos anos tem crescido o movimento da transição capilar, que incentiva que as mulheres negras assumam seu cabelo de modo natural. Através dos dados oriundos de uma pesquisa de campo com abordagem etnográfica realizada em uma escola da cidade, apresento como o cabelo é importante nas práticas cotidianas das meninas, através do compartilhamento de dicas de produtos e cuidados ou, até mesmo, na formação de amizades e desavenças. Também analiso o que é entendido como cabelo “natural” e como a mídia e as redes sociais reforçam as pressões estéticas. Além disso, também busco refletir como a escola é uma instituição relevante na socialização das meninas e na manutenção ou ruptura de práticas racistas.

Palavras-chave: mulher negra; transição capilar; identidade; juventude; trajetórias escolares

Introdução

A maneira com que mulheres negras lidam com a pressão para se enquadrarem em um padrão estético que privilegia traços associados a pessoas brancas, em especial com relação ao padrão de beleza do cabelo liso, já foi academicamente muito discutida. Em um primeiro momento, as pesquisas retratavam os esforços dessas mulheres para se aproximarem desse padrão, alisando seus cabelos através de diferentes técnicas. No entanto, a partir do fim da década de 2010 houve um aumento significativo no Brasil na quantidade de pesquisas que se centraram no movimento de mulheres que passaram a assumir o cabelo natural, através do processo que ficou conhecido como transição capilar.

A transição capilar é o processo em que a pessoa decide assumir a curvatura natural do cabelo (seja ele cacheado, crespo ou ondulado) e abandonar qualquer procedimento químico e/ou físico que tenha o objetivo de alisá-lo. No Brasil, tal processo tem se tornado cada vez mais frequente e parte importante do movimento de valorização racial de pessoas negras, especialmente entre mulheres negras (Aguiar e Costa, 2021; Bueno e Victoria, 2018; Mesquita, Teixeira e Silva, 2020, Souza, Pirola e Braga, 2020; dentre outras). A rápida transformação social e o grande impacto desse movimento é observável também através da quantidade crescente de pesquisas acadêmicas que visam analisar o fenômeno em diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo na área de marketing, sociologia e em demais áreas das ciências sociais.

Um levantamento no portal de teses e dissertações da Capes (um dos principais portais de periódicos científicos no Brasil) mostra que a quantidade de pesquisas sobre o tema tem crescido muito nos últimos anos. No portal da Capes,¹ realizando uma busca com o descritor “cabelo”, foram encontrados, em 2012, 41 trabalhos científicos em todas as áreas de conhecimento. 32 deles (78% do total) eram da área médica e dermatológica. A partir da leitura do resumo e do título foi possível identificar 4 trabalhos (9,75% do total) de ciências humanas que abordam a discussão racial em torno do cabelo crespo e/ou cacheado como foco principal ou de modo secundário. Realizando a mesma busca para publicações no ano de 2022 foram encontrados 54 trabalhos. Desses, 15 foram identificados como de ciências humanas tendo como foco principal ou secundário a discussão racial em torno de cabelo crespo e/ou cacheado, chegando a representar 27,77% do total.

O aumento na quantidade de pesquisas acadêmicas é acompanhado pela crescente procura de informações sobre o assunto na internet. O relatório do “Dossiê BrandLab: A revolução dos cachos”, produzido em 2017 pelo Google BrandLab, apresenta que a busca por cabelos cacheados cresceu 232% entre 2016 e 2017, ultrapassando a pesquisa por cabelos lisos pela primeira vez no Brasil. Nessa direção, as buscas por transição capilar cresceram 55% entre 2015 e 2017. Além disso, o relatório apresentou que, na faixa etária de 18 a 24 anos, 24% das mulheres consideram que seu cabelo é cacheado, porém quanto mais velhas, menores são as chances de as mulheres declararem o mesmo².

Além da crescente visibilidade do tema nas pesquisas científicas e nas buscas da internet, o processo de valorização do cabelo por mulheres negras também foi retratado no que se tornaram obras literárias importantes da atualidade, como “Americanah” (2014) da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e “Esse cabelo” (2015) da escritora luso-angolana

1 A última consulta foi realizada no dia 06 de dezembro de 2023.

2 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/beleza/pela-primeira-vez-no-brasil-buscas-no-google-por-cabelo-cacheado-superam-as-por-cabelo-liso-21683014>. Acesso em: 19 jan. 2024.

Djaimilia Pereira de Almeida. Em ambos os livros, a questão racial é retratada através das vivências das personagens permeadas por acontecimentos com o cabelo, como o processo de alisamento e do estranhamento de seu cabelo natural por parte de pessoas brancas, trazendo reflexões acerca da discriminação racial e do processo de aceitação do cabelo natural vivido pelas personagens.

Nessa direção, este artigo tem o objetivo de discutir a importância do cabelo na construção da identidade de meninas adolescentes, bem como no estabelecimento de vínculos de amizade ou ocorrência de desavenças, dando enfoque ao processo de transição capilar. Os dados são oriundos de uma pesquisa de campo com abordagem etnográfica realizada na cidade de Campinas, São Paulo (Brasil), no âmbito de uma pesquisa de mestrado que se encontra em andamento.

Racismo e ideologia do branqueamento no Brasil: os cabelos e suas formas ao longo do tempo

A respeito das origens da discriminação racial no Brasil, Domingues (2004) analisa o período desde a colônia até o século XIX destacando que a discriminação racial não se restringiu ao campo dos discursos, traduzindo-se também em políticas públicas na forma de leis que tinham como objetivo o branqueamento da população. No entanto, é importante destacar que o “branqueamento” é uma categoria analítica que vem sendo usada com mais de um sentido:

○ branqueamento ora é visto como a interiorização dos modelos culturais brancos pelo segmento negro, implicando a perda do seu ethos de matriz africana, ora é definido pelos autores como o processo de ‘clareamento’ da população brasileira, registrado pelos censos oficiais e previsões estatísticas do final do século XIX e início do XX. (Domingues, 2002, p. 565-566)

Os diferentes sentidos da noção de branqueamento mostram como esse processo reflete a longa história de discriminação racial no Brasil, tendo

sofrido muitas transformações ao longo dos séculos e também das últimas décadas. Apesar disso, por muito tempo existiu a ideia de uma suposta democracia racial brasileira. No contexto acadêmico, a ideia foi sustentada e se expandiu para a sociedade em geral. Posteriormente, as pesquisas avançaram para o reconhecimento de que a democracia racial brasileira na verdade não passa de um mito, mas ela ainda resiste em alguns setores da sociedade.

Alguns autores irão argumentar que são as características da discriminação racial na América Latina que reforçam a errônea ideia de uma harmonia racial nos países latinoamericanos (López, 2015; González, 2020). Muitos países de outras regiões do globo impuseram de forma explícita a discriminação entre negros e brancos mesmo muitos anos após a abolição da escravidão, diferentemente dos países latinoamericanos. Dessa maneira, a história da configuração étnico-racial dos países latinoamericanos muitas vezes é utilizada como argumento para a existência de uma democracia racial e, assim, o maior efeito do mito da democracia racial brasileira é a crença duradoura de que não existe racismo no Brasil graças à miscigenação racial que marca a sua história.

Lélia González, uma importante figura do feminismo negro no Brasil, trouxe contribuições importantes para pensar o mito da democracia racial sobre aspectos da mulher negra, reforçando que a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial serviram para reforçar e, ao mesmo tempo, disfarçar o racismo que as pessoas negras sofriam:

O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura. (González, 2020, não paginado)

González (2020), pensando na figura da “mulata” do Carnaval que desfila sob os olhares do mundo, destaca que essa suposta valorização nacional e internacional da figura da mulata reforça a errônea ideia de que existe uma democracia racial no Brasil, mas na verdade encobre a objetificação sexual da mulher negra. E refletindo sobre o cabelo e o corpo das pessoas brancas como sendo uma espécie de norma padrão da sociedade, a autora considera que os padrões de beleza das pessoas brancas foram internalizados como os ideais não só desejáveis, mas como os únicos aceitáveis.

A importância de pensar a discriminação racial a partir do corpo do negro foi destaque da pesquisa de López (2015), que parte do conceito de “corpo colonial” de Frantz Fanon para defender que é necessário pensar sobre o corpo dos sujeitos através de suas memórias e vivências, visto que foram os discursos sobre o corpo negro que fomentaram fortemente o racismo por muitos séculos.

Nessa direção, a antropóloga Nilma Lino Gomes, uma figura importante do pensamento negro brasileiro, realizou uma etnografia em salões de beleza étnicos. Em sua pesquisa, a antropóloga argumenta que o corpo e, portanto, também o cabelo, são pensados a partir dos símbolos e valores culturais. E sendo o corpo alvo de procedimentos estéticos, o cabelo, devido a sua característica de relativa facilidade de modelagem e transformação, torna-se um dos principais alvos de alteração e reconfiguração do corpo. O corpo e o cabelo negros são, então, importantes símbolos da identidade negra:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (Gomes, 2002, p.2)

Desse modo, a relação com o cabelo existe para além de uma relação do indivíduo com seu próprio corpo, mas insere-se em um contexto socialmente

amplo que expressa valores culturais compartilhados, sendo a discriminação racial contra o cabelo negro parte importante das relações que constróem-se pelo entrelaçamento entre movimentos individuais e coletivos. Assim, o cabelo aparece de modo importante nos processos identitários dos indivíduos, especialmente das mulheres negras.

As pesquisas acadêmicas que se propuseram a pensar especificamente a discriminação dirigida às formas dos cabelos de mulheres negras e a pressão para que elas alisassem os fios podem ser divididas em ao menos dois momentos. Em um primeiro momento, a maior parte das pesquisas destacava a força do branqueamento e a pressão sofrida por mulheres negras para alisarem seus cabelos (hooks, 2005; Gomes, 2002, 2003; González, 2020; dentre outras). No entanto, no Brasil há um movimento recente de trabalhos que captam a transformação no modo com o qual as mulheres têm se apropriado do uso do cabelo “natural”, dando enfoque ao processo de transição capilar. Realizando uma busca nos principais periódicos brasileiros, o primeiro trabalho que contém o termo “transição capilar” data de 2017, existindo uma crescente quantidade em anos posteriores (Bueno e Victoria, 2018; Mesquita, Teixeira e Silva, 2020; Aguiar e Costa, 2021; Canuto, Meira e Silva, 2021; Oliveira, Santos e Salvador, 2023; dentre outros). Essa mudança também foi percebida no trabalho de campo realizado como uma das etapas da pesquisa de mestrado que se encontra em andamento e que será objeto de discussão deste artigo.

A pesquisa de campo: Adolescentes em um bairro de classe popular e seus cabelos

A pesquisa de mestrado que sustenta esse trabalho teve como objetivo analisar os diferentes estilos de feminilidade entre garotas adolescentes em um bairro de classe popular da cidade de Campinas, Brasil. Busquei apreender o sistema de valorização de diferentes práticas e estilos dentre as meninas adolescentes, identificando aqueles mais aceitos socialmente

e buscando compreender o entrelaçamento desses aspectos na formação de grupos de amizade, na relação com os estudos e com o cotidiano escolar. Nesse sentido, o intuito era identificar as características tidas como mais marcantes e a moralidade vigente que orientava a relação entre pares e com a escola. O cabelo apareceu como um importante tópico na construção da identidade das meninas, no estreitamento de laços de amizade e também como motivador de algumas desavenças no ambiente escolar.

Durante a pesquisa de campo, acompanhei duas vezes por semana as aulas em duas turmas de 7º ano e uma turma de 8º ano de uma escola pública municipal de um bairro periférico da cidade de Campinas, no estado de São Paulo, Brasil. Realizei ainda entrevistas individuais ou em grupo (a depender da preferência das participantes) com 33 meninas³ destas turmas com idade entre 12 e 17 anos. Nas entrevistas perguntei como elas se declaravam em relação à cor da pele, apresentando as terminologias utilizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)⁴, mas deixando-as livres para escolherem outros termos, caso fizessem mais sentido para elas. É importante destacar que a pesquisa passou por uma reestruturação após o início da pesquisa de campo. Inicialmente, o objetivo era analisar a expressão e as vivências relacionadas à sexualidade das meninas e, por isso, a questão racial não surgiu como um tópico imediatamente colocado nos roteiros das entrevistas. Foi durante a análise preliminar dos dados que essa questão apareceu como destaque, em um momento em que muitas estudantes já não estavam frequentando a escola em razão do fim do ano letivo. Principalmente por essa razão há a falta dessa informação para algumas meninas. Das 33 entrevistadas, 7 se autodeclararam como pardas, 4 como brancas, 1 como indígena e 1 como negra. Outras terminologias foram utilizadas, como “morena” (4 entrevistadas), “leite azedo” (1 entrevistada), “um monte” (1 entrevistada) e

3 Todos os nomes foram alterados para preservar a identidade das participantes.

4 Órgão governamental responsável pelo censo demográfico brasileiro que utiliza as classificações raciais que usualmente servem como parâmetro para as demais pesquisas científicas.

“normal” (1 entrevistada) e 13 não responderam. Em relação aos seus cabelos, elas utilizaram principalmente os seguintes termos: cacheado, ondulado, liso natural e liso de progressiva. Em relação à ocupação e à escolarização dos pais e das mães, muitas participantes não souberam responder. Das respostas obtidas, 9 das 33 meninas entrevistadas (27% do total) afirmaram que a mãe completou o ciclo escolar obrigatório até o ensino secundário. Em relação aos pais, a maioria não soube responder. Das respostas obtidas, 7 delas (21% do total) afirmaram que o pai completou o ensino secundário. Em relação à ocupação dos pais e das mães, em suma os mesmos trabalhavam como atendentes ou operadores em fábrica, supermercado ou em algum estabelecimento de comércio no bairro. Algumas mães (3 delas, 9% do total) assumiam trabalho não remunerado como “donas de casa”, enquanto 3 dos pais estavam desempregados.

Logo nos primeiros dias em sala de aula, Jade me “apresentou aos cabelos” das alunas de sua turma do 7º ano A. Em relação à cor da pele, a estudante se declarou como “leite azedo”. Sua mãe possuía dois trabalhos remunerados, como secretária e faxineira. Seu padrasto completou somente o ensino básico e trabalhava como funcionário em um supermercado. Na ocasião, Jade me informou que em sua turma, formada por 14 meninas, “Ninguém tem o cabelo liso, todo mundo tem o cabelo cacheado ou ondulado. Quem tá com o cabelo liso aqui, é porque fez progressiva⁵”, disse ao mesmo tempo em que gesticulava para as meninas à minha frente. Logo em seguida completou: “A única que tem cabelo liso aqui sou eu. Me sinto até especial (risos)”.

Esse episódio foi importante para chamar a atenção sobre duas coisas. Em primeiro lugar, foi possível perceber que naquele contexto o cabelo é um assunto importante. Nota-se como é o cabelo de cada menina e também comenta-se sobre ele. Em segundo lugar, o cabelo liso natural, ainda mais por ser considerado raro, em alguma medida pode ser

5 Escova progressiva é um método de alisamento capilar muito popular por proporcionar um efeito liso duradouro, de aproximadamente 3 meses, a depender do tipo do cabelo e da técnica utilizada. No entanto, muitas das técnicas de escova progressiva utilizam produtos químicos agressivos.

considerado especial. E ao longo do desenvolvimento da pesquisa, tornou-se notável o quanto o cabelo era um tópico importante, sendo um assunto muito recorrente nas conversas entre os grupos de pares e também com a pesquisadora.

No entanto, se o cabelo liso continuava, como o episódio acima sugere, um padrão de beleza importante, mostrarei que muitas meninas estão se engajando num processo que elas mesmas denominam de transição capilar, retomando assim o termo que tem sido utilizado em outras pesquisas.

Cabelo e construção da identidade

Independentemente do ano de publicação dos textos e das pesquisas que analisam a relação de mulheres negras com seus cabelos, elas apresentam em comum a discussão sobre a importância do cabelo na construção da identidade da mulher negra, a discriminação direcionada a seu cabelo e a pressão sofrida para alisá-lo. bell hooks, no conhecido texto “Alisando nosso cabelo” (2005), menciona uma espécie de obsessão pelo alisamento capilar. Através de sua experiência pessoal e familiar, a autora relembra as longas horas de alisamento capilar que as mulheres de sua família faziam semanalmente, criando uma espécie de ritual permeado pelo simbolismo do desejo de se aproximarem do que a autora denomina como “condição de mulher”. No Brasil, alinhando-se à lógica da obsessão, Mesquita, Teixeira e Silva (2020) mencionam que suas interlocutoras expressavam a relação com a “dependência química” dos produtos alisantes, enquanto Bueno e Victoria (2018) relatam que suas interlocutoras usavam a expressão “afastamento das drogas” para se referirem à decisão de parar de usar os produtos químicos. No entanto, as autoras enfatizam que essa suposta dependência era, na verdade, reflexo da grande pressão que essas mulheres sofriam para que alisassem os cabelos ou, caso contrário, não estariam “arrumadas” adequadamente.

A pesquisa de Bueno e Victoria (2018) analisa um coletivo ativista de mulheres negras que atua no sul do Brasil promovendo ações para o suporte do cabelo “natural”. As autoras identificaram que uma importante etapa para a vivência do grupo era a qual cada participante contava a sua “história do cabelo” que, em resumo, tratava-se das vivências marcantes das participantes desde a infância até a fase adulta, sendo o cabelo sempre o foco das narrativas. As pesquisadoras sugerem que “a história do cabelo” também era a história de vida dessas mulheres e descrevem como as relações com o corpo puderam ser reelaboradas ao longo de suas trajetórias: era através de acontecimentos que envolviam o cabelo que as mulheres demarcavam as fases de sua vida. Na infância era marcante a falta de representatividade racial em decorrência da ausência de bonecas negras e personagens negros em livros infantis, e a entrada na escola era lembrada com tristeza pois nesse momento as mães prendiam ou trançavam os cabelos de suas filhas, que eram alvo de piadas e apelidos depreciativos por parte dos colegas de classe. A adolescência era marcada pelo início do alisamento com produtos químicos, e a fase adulta era vista como a fase do “resgate da autoestima” e do “reconhecimento da etnia” (Bueno e Victoria, 2018).

A partir das contribuições de cada texto, cabe observar como o cabelo serve como marcador das discriminações raciais sofridas pelas mulheres, ao mesmo tempo em que posteriormente foi através dele que elas puderam “reelaborar” sua própria história e relação com o próprio corpo com a transição capilar. Além disso, cabe destacar que na pesquisa de Bueno e Victoria (2018) as mulheres iniciavam o alisamento capilar na adolescência, passando pela transição capilar na fase adulta. Diferentemente, em minha pesquisa as meninas já chegavam à adolescência tendo os cabelos alisados, passando também na adolescência pela transição capilar. Isso mostra que há diferenças nas práticas de contexto para contexto mas, de modo comum, a transição capilar parece ser um marco em suas histórias de vida na direção de uma valorização pessoal.

O cabelo “natural” que “dá muito, muito, muito trabalho!”

A transformação do cabelo alisado para o cabelo chamado de “natural” por minhas interlocutoras (termo também usado por mulheres passando pelo processo de transição capilar) acontece não apenas deixando de usar produtos químicos alisantes. Assumir os cachos e valorizá-los exige muitas horas de cuidado e dedicação, além de necessitar de certo investimento financeiro com a compra de bons produtos. Assim, o cabelo “natural” é na verdade muito trabalhado. Uma das perguntas que compunham a entrevista era a qual eu solicitava que elas contassem o que costumavam fazer em um dia comum, desde a hora em que acordavam até a hora em que iam dormir. Com muita frequência, as meninas relataram que os cuidados com o cabelo cacheado eram parte do seu dia-a-dia, geralmente em razão da “finalização”⁶ dos fios, que era uma etapa demorada.

Em uma das entrevistas em grupo realizadas, o assunto do custo com os cuidados de manutenção dos cachos foi destaque. Abordando a pensão alimentícia paga por seus pais, que não será discutida aqui, o grupo de amigas compartilha os valores médios gastos por elas com a compra de produtos que sejam “melhores para o cabelo”. Ambas as estudantes, Adrielly e Viviane, não se declararam em relação à cor da pele. A mãe de Adrielly trabalhava como faxineira e seu pai estava desempregado. A mãe de Viviane trabalhava como microempreendedora individual, atuando com vendas de enxoval, e seu pai era proprietário de uma empresa de transportes.

Adrielly – O meu [pai] é porque ele só pensa na casa dele, no nariz dele, por isso ele não dá pensão para mim, ele me dá 150 [reais].⁷ 150 eu só uso em creme! Como que pode...

6 No caso de onduladas, cacheadas e crespas, “finalização” é a nomenclatura utilizada para se referir a qualquer método para definir a curva do cabelo, geralmente após a lavagem. Dependendo da técnica utilizada e do tipo de cabelo, os fios podem ganhar mais ou menos definição e volume. Há diversas técnicas de finalização dos fios.

7 A título de comparação, o salário mínimo no Brasil em 2022 era no valor de 1.212 reais. 150 reais eram cerca de 12% do salário mínimo, e 400 reais eram cerca de 33%.

Viviane – Você usa só 150 em creme?! O meu é 400 conto...

Adrielly – 150.

Viviane – O meu é 400 conto em creme.

Adrielly – Eu compro só 3... não sou igual você, não, espírito de gastadora!

Viviane – Não, eu compro o que é melhor pro meu cabelo...

Comprar o que é “melhor para o meu cabelo” indica a atenção e o cuidado destinado aos fios. Esse cuidado foi visto também no relato de outras meninas. Em outra entrevista conversei com Dalila, aluna do 8º ano A. Dalila não se definiu de maneira definitiva em relação à cor da pele (“Branca, parda, sei lá.”). Tanto seu pai quanto sua mãe estavam desempregados. Durante a entrevista, mencionei com a estudante que seu cabelo cacheado formava cachos muito bem definidos, e ela enfatizou: “Mas dá muito, muito, muito trabalho!”. Pedi, então, para que ela me contasse o que ela fazia:

Dalila: Tem que lavar quase todo dia, pra ele ficar bonitinho, e tem que fazer uma finalização nele...

Pesquisadora: E como você faz a finalização?

Dalila: Tem hora que eu faço um por um...

Pesquisadora: Mas você vai enrolando um por um...

Dalila: É! Um por um... Daí, passo a escova polvo⁸. Mas tem que dividir bem pouquinhos fios de cabelo... Pra conseguir finalizar tudo!

Sendo necessário selecionar poucos fios de cabelo e finalizá-los de pouco em pouco, a etapa de finalização dos fios somada a outros tipos de cuidado torna-se um processo demorado e trabalhoso. Em razão disso, Almira, uma colega de Dalila que participava da entrevista, afirmou não “cuidar” do seu cabelo por não ter paciência, e que se não fosse por incentivo de sua avó, ela já teria alisado seus cabelos. Em relação à cor da pele, Almira declarou-se como “morena”. Sua mãe era proprietária de uma empresa de planos de internet e seu pai encontrava-se preso. O diálogo seguiu da seguinte maneira:

8 Escova polvo é um tipo de escova indicado especialmente para cabelos crespos ou cacheados, que auxilia na finalização dos cabelos.

Almira: De cuidar e hidratação... eu não tenho paciência pra fazer! Eu só faço quando minha avó pega no meu pé pra eu fazer...

Pesquisadora: Sua avó incentiva você a “cuidar” do seu cabelo então?

Almira: Sim! Porque... Se fosse por mim mesmo, eu botava um botox no meu cabelo, alisaria e pronto! Só que a minha vó não, minha vó fala assim “Não, seus cachos é lindo, passa a escova polvo, finaliza ele, lava ele... pinta”. É que assim, ela que me incentivou a pintar ele, né? Ela pintou, pintou, pintou... e o dela que acabou quebrando. Aí ela: “Não, pinta ele, depois você hidrata ele”. Só que eu não tenho paciência... Pra mim é só lavar com shampoo, condicionador, passar creme e... Como fala? Pentear com a escova polvo, pronto!

Sua fala sobre sua visão de alisar os cabelos ser mais prático do que mantê-los cacheados é um contraponto interessante à fala de outras mulheres. Retomando o texto de bell hooks (2005), a autora nos fala sobre como os “rituais de alisamento” eram demorados e as mulheres de sua família dispunham muitas horas do sábado de manhã dedicadas ao alisamento, e diversos comentários que enfatizavam o grande trabalho necessário para alisar o cabelo estão presentes nas pesquisas que buscam compreender as motivações das mulheres a passarem pela transição capilar. No entanto, Almira associa a ideia de alisar o cabelo como sendo mais prático do que mantê-los cacheados e “bem cuidados”.

É interessante refletir a respeito do que é a ideia de assumir o cabelo “natural”. Conforme já mencionado, a transição capilar é considerada o processo pelo qual as mulheres deixam de utilizar produtos químicos fortes, que transformam definitivamente os fios com o objetivo de alisamento, assumindo assim a forma “natural” de seu cabelo. Entretanto, Bueno e Victoria (2018) destacam que isso não significa dizer que o cabelo será isento de diversas intervenções artificiais, como o uso de produtos de beleza e as técnicas de finalização. Também no contexto de minha pesquisa, foi possível ver com clareza que o cabelo “natural” não é sinônimo de ausência de rituais de cuidado e muitas horas de dedicação, com utilização de diversos tipos de produtos químicos com o objetivo de atingir um excelente resultado, como é possível ver nos relatos de Dalila e Almira. Desse

modo, o cabelo continua sendo uma fonte de preocupação com a aparência, ainda que de modo bastante diferente do período dos alisamentos, mostrando-se importante na construção de uma boa imagem das meninas. Assim, a pressão estética pelo cabelo belo e “bem cuidado” continua a existir, ainda que de modo muito diferente do que antes da transição capilar.

Tipos de cabelo e suas hierarquias

A partir do relato de Jade mencionado no início do artigo, sobre o cabelo de suas colegas de classe não serem lisos naturalmente e o dela sim, e também a partir dos outros relatos mencionados em seguida, é notável que a “hierarquia dos cabelos” possui sua complexidade. Se o cabelo liso é o mais desejado, para ser realmente valorizado ele precisa ser “natural”. A artificialidade não é bem aceita, já que o cabelo liso por escova progressiva parece falso e, portanto, tem seu demérito. Porém, além da valorização do cabelo liso, o cabelo cacheado tem assumido suas formas e sua presença na escola. Em vários momentos as meninas teciam elogios aos cachos de suas colegas, algumas vezes pedindo dicas de produtos e de técnicas de finalização, ao mesmo tempo em que as colegas cacheadas demonstravam orgulho de seus cachos. Foi possível perceber ao longo do tempo que se o cabelo liso natural era bastante valorizado, o cabelo cacheado também mostrava atingir grandes patamares de valorização. Entretanto, o cabelo crespo parecia ainda ser mal visto. Do que foi possível observar ao longo da pesquisa, apenas três meninas possuíam o cabelo crespo, e todas elas utilizavam-no sempre preso. Também não presenciei qualquer tipo de conversa de incentivo a essas meninas para utilizarem suas madeixas de modo natural, da mesma maneira como presenciei incentivos e dicas de manutenção dos cachos.

Almira relatou uma prática de discriminação racial direcionada ao seu cabelo, que será detalhado a seguir. Mas durante a pesquisa empírica, presenciei a discriminação racial direcionada a uma menina com

cabelo crespo. Tainá, autodeclarada como parda, era uma das três garotas que utilizavam o cabelo sempre preso em um rabo de cavalo. Em um determinado momento, um dos meninos de sua classe riu de seu cabelo chamando-o de “cabelo de Bombril”⁹. Em reação à discriminação, Tainá esboçou uma expressão facial de insatisfação, mas não dirigiu nenhuma fala ao garoto. No entanto, foi prontamente defendida por sua amiga Jade, que retirou o calçado que estava utilizando e ordenou que o garoto pedisse desculpas. Caso contrário, afirmou que iria agredi-lo. O garoto desculpou-se rapidamente e a aula seguiu como de costume. É interessante destacar que Jade é a garota que havia afirmado se sentir especial por ser a única da classe a ter o cabelo liso natural e, talvez justamente por isso, sentiu-se autorizada para partir rapidamente em defesa da amiga que havia sofrido injúria racial.

Ao perceber na pesquisa empírica a diferença de valorização entre o cabelo crespo e o cacheado, busquei encontrar pesquisas que abordassem essa diferença de valorização. No entanto, as principais pesquisas que discutiam a transição capilar centravam-se em grupos ativistas ou espaços voltados à valorização de todos os tipos de cabelo e, acredito que em razão disso, não foi localizada uma ênfase na diferença de aceitação entre os tipos de fio. Entretanto, foram localizadas pesquisas que versavam sobre a discriminação acerca do “cabelo de Bombril”.

Carrera e Oliveira (2013) analisaram a peça publicitária da marca Bombril veiculada em 2012 e intitulada “Mulheres que brilham”, que apresentava na imagem a silhueta de uma mulher de cabelos crespos e o logotipo da marca com o escrito “Bombril” na região dos cabelos. Sendo a expressão “cabelo de Bombril” muito conhecida popularmente como um ataque de viés racial, a peça publicitária levantou imediatamente inúmeras críticas, sendo retirada do ar posteriormente. Em 2020, a marca relançou uma esponja de aço chamada de “Krespinha”, e mais

9 Bombril é uma marca de esponja de aço muito popular no Brasil, e “cabelo de Bombril” é uma expressão bastante utilizada em práticas de discriminação racial direcionadas à homens e mulheres com cabelo crespo (Carrera e Oliveira, 2013; Oliveira, Nunes, Silva, 2014).

uma vez foi denunciada por racismo e teve a esponja retirada de circulação.

Pensando sobre o histórico de discriminação racial direcionado fortemente aos cabelos crespos e o estereótipo existente sobre o corpo da mulher negra, podemos refletir sobre o espaço de valorização que ainda parece existir entre os cabelos crespos e cacheados e o papel da mídia, das redes sociais e também da escola, tanto no processo de reforço do racismo quanto no de mobilização contra a discriminação racial.

Mídias, redes sociais e escola: opiniões que contam sobre os cabelos e suas formas

A mídia, de maneira geral, desempenha um papel importante na manutenção do racismo. Deus (2018) discute o processo de despigmentação “voluntária” no Haiti, analisando como a propaganda não só reflete o racismo existente na sociedade como reforça-o. Analisando propagandas do Haiti, da França e do Brasil em diferentes períodos históricos, o autor conclui que a representação do negro de maneira pejorativa e discriminatória assume uma dimensão histórico-global, ainda que seja possível identificar mudanças ao longo do tempo. Dessa forma, o pesquisador traz para a discussão outras dimensões a respeito do branqueamento. Se a propaganda reforça o racismo contra os negros, ela também faz com que os mesmos possam interiorizar essas representações pejorativas e busquem modificar suas próprias características físicas para se aproximarem do padrão estético branco.

Por outro lado, atualmente no Brasil o mercado da beleza tem buscado desenvolver produtos destinados especialmente aos consumidores negros buscando atingi-los através da valorização da beleza negra. Uma análise que demonstra como determinadas marcas têm atuado especialmente visando o público negro é realizada na pesquisa de Souza, Pirola e Braga (2020). No campo da análise do discurso, as pesquisadoras analisaram as embalagens de cosméticos marca Lola, pioneira na produção

de cosméticos voltada a esse público, tornando-se uma das marcas mais populares para os cabelos cacheados e crespos no Brasil. A pesquisa identificou que o rótulo das embalagens de uma das suas principais linhas de produtos, “Meu cacho, minha vida”, faz apenas duas menções sobre os benefícios do produto, que garantem cabelos macios, hidratados e brilhosos. O restante do rótulo é composto por um texto que faz menções às dificuldades econômicas enfrentadas na época pelo país, apresentando-se como uma solução para as mulheres continuarem exibindo orgulhosamente as suas madeixas através da compra dos produtos da marca, apresentados como de qualidade e de baixo custo, reforçando também uma ideia de mulher “empoderada” e forte. Além disso, as autoras destacam que o nome da linha de produtos remete ao programa do Governo Federal “Minha casa, minha vida”, destinado ao financiamento de moradias para famílias de baixa renda. E a partir dos dados de outras pesquisas semelhantes, as autoras concluem que as empresas de cosméticos voltadas aos cabelos têm buscado sua inserção no mercado através da aproximação com o público-alvo, utilizando as embalagens como meio de comunicação e identificação com o estilo de vida de seus consumidores.

Nesse sentido, logo nos primeiros dias de observação na escola o modo de “se produzir” de algumas meninas me chamou a atenção. Um grupo de três meninas intitulado por outras colegas como “marmitas”¹⁰ usava o cabelo alisado com chapinha ou escova progressiva e, além disso, na maioria das vezes iam para a escola com legging preta, chinelo branco e um forte delineado preto nos olhos. O mascar do chiclete parecia ser algo que de certa forma também compunha o “look”, junto a uma expressão do olhar que muitas vezes transparecia tédio ou irritação. Esse grupo de meninas possuía uma relação conflituosa com a escola, em razão da recusa em fazer qualquer atividade passada pelos professores e

10 Esse termo circula pelas escolas da cidade e quer dizer uma garota “fácil”, “rodada” dentre os rapazes. Como não é o foco deste artigo, os sentidos da terminologia não serão explorados neste texto, porém insiro os termos utilizados por minhas interlocutoras como uma forma de demonstrar que os mesmos representam determinados grupos, demarcando de modo explícito os círculos de amizade na escola.

até mesmo de cumprimentá-los, além do fato de passarem o período de aula conversando entre si e muitas vezes usando o celular para acessar redes sociais como o Instagram. Das “marmitas”, nenhuma se declarou em relação à cor da pele pois, conforme explicado acima, à época da entrevista a pergunta sobre a declaração em relação à cor da pele ainda não era parte do roteiro. Suas mães trabalhavam como funcionárias em supermercado, empresa ou fábrica. Nenhuma soube responder sobre a ocupação do pai e/ou do padrasto.

Um outro grupo de cinco garotas, chamadas por outras colegas como “perfeitinhas”, chegava na escola geralmente sorridente, com um ar leve e alegre e aproveitavam o momento de chegada dos alunos para conversarem entre si e com o professor. Das cinco, quatro delas estavam ou com o cabelo “natural” ou em transição capilar. Uma delas possuía cabelo considerado por elas como ondulado, outras três possuíam cabelo considerado cacheado (ou “em transição” para os cachos). Apenas uma delas, Evelyn, possuía o cabelo alisado mas, segundo ela, sem utilizar produtos químicos alisantes. O efeito liso era conseguido apenas escovando o cabelo após lavá-lo no banho, enfatizando a proximidade com um cabelo liso “natural”, e justificado que faz a escova porque seu cabelo não seca facilmente (“Ele não seca sozinho”). Em relação à cor da pele, todas se declararam como pardas, com exceção de Danielle, que se declarou como branca. Suas mães ocupavam postos de trabalho em supermercado, instituição de organização social ou empresa de Recursos Humanos. Uma delas atuava como dona de casa. Seus pais ou padrastos assumiam funções semelhantes, com alguns trabalhando nos mesmos estabelecimentos que as mães.

Todas as cinco garotas utilizavam maquiagem leve, com rímel, blush e às vezes brilho labial, e se vestiam com itens da moda, como por exemplo calça jeans wide leg e tênis Nike. Com a exceção de uma delas, que usava tênis all-star, todas as quatro usavam praticamente o mesmo modelo de tênis Nike, na cor branca, apenas com leves diferenças no design. Durante a aula elas conversavam brevemente entre si, mas estavam

sempre muito comprometidas a fazer as lições e a prestar atenção nas explicações dos professores.

O clima de leveza das “perfeitinhas” parecia ser interrompido apenas quando existia algum conflito com as “marmitas”. Os conflitos entre os grupos já existiam desde o ano letivo anterior, sendo necessária a intervenção de uma psicóloga que realizava um projeto na escola para tentar sanar as desavenças entre os dois grupos. Apesar de saber que os conflitos eram frequentes e de longa data, os motivos ainda não eram claros. Uma das explicações dadas por Marcela, uma integrante do grupo das “perfeitinhas”, foi: “Nós... é tipo água e óleo. Não se mistura, entendeu?”. E diante dos relatos de ambos os grupos, ficou evidente que os conflitos eram variados e nem sempre eram claros até mesmo para as próprias meninas, que muitas vezes iniciavam um desentendimento em razão de algum boato. Sem adentrar nas motivações de cada conflito, abordo a desavença entre esses dois grupos pois, ao longo do tempo, percebi que as meninas afirmaram reconhecer serem dotadas de certas características “incompatíveis” e, portanto, serem incapazes de “se misturar”. Isso também era possível de se perceber segundo a organização dos grupos em sala de aula, já que se sentavam em lados completamente opostos. Desse modo, as diversas características estéticas e comportamentais demonstraram ser relevantes nos movimentos de aproximação e distanciamento que, por sua vez, faziam com que os grupos de amizade se definissem não só a partir de uma afinidade de certas meninas entre si, mas também de uma desafinidade em relação às outras.

Especificamente em relação ao cabelo, em um outro grupo de quatro garotas, a divergência entre manter o cabelo alisado ou “natural” apareceu como motivo de embate entre as amigas. Das quatro meninas, três delas possuíam cabelos cacheados e, ou estavam passando, ou já haviam passado pelo processo de transição capilar. Portanto, todas haviam alisado o cabelo anteriormente. Entretanto, Michely que também possuía o cabelo cacheado, há pouco tempo havia resolvido alisá-lo novamente. A estudante preferiu não se declarar em relação à cor da pele. Sua mãe

trabalhava como cozinheira e seu pai estava preso. As amigas de Michely se mostraram fortemente contra a sua decisão de voltar a alisar o cabelo, e frequentemente me falavam que seu cabelo cacheado (que vi apenas por fotos) “era lindo”, mas que Michely havia decidido “estragar” seu cabelo alisando-o, sempre olhando com reprovação para a amiga. Os comentários em tom de represália aconteceram diversas vezes, sempre seguidos do silêncio da amiga repreendida pela decisão de alisar o cabelo. No entanto, em um determinado momento, Michely, que já demonstrava desconforto em ouvir as reprovações das amigas em silêncio, decidiu confrontá-las e dizer: “Eu não gostava dele antes!”, mas foi rapidamente rebatida por uma das amigas: “E continua não gostando dele agora!”. Nesse relato, podemos ver que a decisão de alisar o cabelo ou assumi-lo “natural” é um processo, e mesmo quando uma decisão é tomada, ela pode ser revertida em decorrência do que cada menina irá ponderar como mais positivo e mais negativo em seu contexto de vida.

Em relação a outro conflito que envolve os cabelos, retomo a entrevista com Almira. Em outro momento da entrevista, quando já não falávamos sobre cabelo, o assunto foi trazido novamente por ela. Uma pergunta que compunha a entrevista era a qual eu perguntava se havia alguma pessoa na escola de quem elas não gostavam. Almira explicou que um garoto fazia “piadas” com seu cabelo em sala de aula e que uma garota, Evelyn, ria. É importante recordar que Evelyn é a garota do grupo das “perfeitinhas” que alisa o cabelo:

Almira: Assim, o Micael foi lá e tocou no meu ponto fraco: “Ah, o seu cabelo... é muito duro e não dá pra pentear!”...

Dalila: Ela [Evelyn] ri!

Almira: Ela vai lá e ri! Tendeu? Aí ela vai lá e fala baixinho pras amigas dela...

Almira afirma que Micael “toca no seu ponto fraco”, sendo possível perceber como o cabelo é realmente uma parte fundamental da estética e das vivências das meninas. Mas é interessante observar que a resposta dada à pergunta de quem elas não gostavam na escola não foi o

menino que fez a piada, mas sim a menina que riu e contou para as amigas.

Os relatos apresentados são alguns dos exemplos de como os cabelos são não apenas um elemento estético, mas um componente importante na construção da identidade pessoal de cada menina. O cabelo aparece não apenas como um assunto sobre o qual as meninas gostam de compartilhar dicas e modos de cuidado, mas o modo como “cuidam” do cabelo também reflete a visão de mundo de cada uma, sendo um elemento importante acerca da sua identidade e, em certa medida, da identidade de seu grupo. Se um grupo de amigas possui como característica comum a prática do alisamento capilar, tal prática não aparece de modo negativo entre as meninas do grupo. No entanto, se uma menina decide alisar o cabelo em um grupo que tem a valorização dos cachos como um fator importante, então a represália pode acontecer, e assim a sua reputação no grupo é atingida. Além disso, a discriminação voltada ao cabelo aparece como um “ponto fraco” que fere quem é discriminado, sendo decisiva tanto na formação de amizades quanto de desavenças.

Além da interação entre os diferentes grupos de meninas, a relação com a equipe pedagógica também tem impacto na relação que as meninas estabelecem com seus cabelos. No contexto da realização da pesquisa, a relação pareceu ser positiva, com algumas professoras incentivando as meninas a valorizarem seus cabelos através de um projeto pedagógico.

Minha inserção no bairro e na escola onde a pesquisa foi realizada iniciou-se no ano de 2016, mas precisou ser interrompida em 2020 e 2021 em razão da pandemia de Covid-19. No entanto, ao retornar à escola em 2022 para a realização da pesquisa, foi possível perceber uma grande mudança nos cabelos das garotas. Antes, não era comum ver tantas meninas com cachos e com cabelo “natural”, sem químicas alisantes. Sendo esse um fato que se destacou, junto aos relatos que foram trazidos por elas mesmas durante a realização da pesquisa, perguntei a uma das professoras que estava na escola há muitos anos a respeito dessa rápida

transformação. A professora afirmou que de fato houve uma grande mudança recente, confirmando a impressão sobre o grande aumento de meninas, em suas palavras, “assumindo o cabelo natural”. Perguntei à professora ao que ela atribuía à rápida mudança, e então ela contou o trabalho desenvolvido por ela e outra professora, que visava incentivar e valorizar o cabelo natural das estudantes. Através desse projeto, e junto da aprovação das estudantes, as professoras decidiram filmar o cabelo cacheado de algumas meninas para criar um reel no Instagram, que atingiu um grande número de visualizações após ser publicado.

Cabe destacar que no Brasil há a unificação dos currículos escolares através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.”¹¹ Desse modo, os conteúdos que devem ser lecionados em cada componente curricular são definidos por esse documento e devem ser seguidos em todas as escolas brasileiras, cabendo aos estados e municípios elaborar os modos pelos quais os objetivos definidos serão atingidos. A BNCC menciona que as questões étnico-raciais devem ser tratadas de “forma transversal”, ou seja, elas não fazem parte do currículo específico, cabendo a cada escola definir como essas questões serão abordadas. No entanto, é frequente que as escolas priorizem os conteúdos que posteriormente serão abordados em avaliações educacionais de larga escala, o que por sua vez faz com que os temas transversais, como as questões étnico-raciais, sejam muito pouco discutidos no contexto educacional (da Silva, A. L.; da Silva, C., 2021). Desse modo, o projeto previamente mencionado desenvolvido pelas duas professoras pode ser considerado como uma ação pontual oriunda da iniciativa das mesmas, não sendo o reflexo do desenvolvimento de projetos pedagógicos em larga escala voltados para esse viés.

11 Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Neste contexto em específico, foi possível identificar uma associação entre a relação positiva do grupo das “perfeitinhas” com os estudos e as professoras que desenvolveram esse projeto. Por outro lado, o grupo das “marmitas” possuíam um conjunto de características e comportamentos que produziam uma relação disruptiva com a escola. Assim, parece possível considerar que a relação distinta de cada grupo de meninas com seus cabelos é parte de um conjunto de características (individuais e de grupo) que refletem maior proximidade ou afastamento em relação às professoras e à escola de modo geral.

Em relação às redes sociais digitais, as mesmas têm tido um papel importante nos movimentos sociais de modo geral (da Fonseca, Silva, Teixeira Filho, 2017; Rodriguez, 2016; Nolasco, Ávila, Jungblut, 2020; Gheyntan-chi, Moghadam, 2016; dentre outros). Plataformas como o Youtube e o Facebook têm se destacado como “comunidades virtuais”, permitindo que mulheres negras encontrem um espaço seguro para compartilhar suas visões de mundo e experiências (de Camargo, de Medeiros, 2020; Souza, Piro-la e Braga 2020; Souza, Muniz, 2017). Apesar de durante a pesquisa minhas interlocutoras não terem feito nenhum comentário direcionado ao uso das redes sociais para a busca de informação sobre cabelo crespo e/ou cacheado e a transição capilar, as mesmas relataram consumir muito conteúdo das redes sociais digitais, especialmente do Instagram e do Tik Tok, e o objetivo da criação de um reel para ser publicado no Instagram por parte das professoras pareceu ser uma estratégia alinhada ao papel que as redes sociais têm demonstrado possuir nas transformações sociais. Além disso, as professoras se mostraram atentas à importância que tais redes têm no cotidiano das jovens de modo geral.

Entretanto, se essas as professoras atuaram de forma a reconhecer a importância da escola como uma instituição formadora de saberes sociais, nem sempre ela é uma instituição que age em prol do debate contra o racismo, podendo, inclusive, ser um espaço onde acontecem discriminações que marcam negativamente a trajetória dos indivíduos. Bueno e Victoria (2018), por exemplo, apresentaram que suas interlocutoras

relataram que a entrada na escola era marcada como um período de tristeza, em razão das constantes discriminações que sofriam no espaço escolar.

Para Nilma Lino Gomes (2003) a aquisição de saberes e as vivências dos estudantes passa pelas experiências escolares, sendo a escola um espaço onde aprende-se e compartilha-se não apenas os conteúdos escolares, mas também valores e crenças, que podem atuar no reforço do preconceito racial, de gênero, de classe e de idade. A autora aborda o racismo que estudantes sofrem até mesmo de professores e, por isso, defende a importância da formação qualificada dos mesmos.

Desse modo, consideramos que a escola é um espaço sócio-cultural e por isso ela não está desconectada do que acontece em outras esferas da vida social. E Dayrell (1996) pontua que, dessa forma, o espaço social da escola organiza-se através de uma dupla dimensão:

Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. (Dayrell, 1996, p. 2)

Como um constante espaço de negociação, a escola é uma das principais instituições onde os jovens experimentam a socialização entre pares, estabelecendo afinidades e desafinidades de acordo com a visão de mundo de cada um. Dessa maneira, os grupos de amizade vão se formando a partir de características, opiniões e valores em comum. E, ao mesmo tempo em que se aproximam daqueles pelos quais sentem afinidade, distanciam-se de outros, podendo haver conflitos em razão de suas desafinidades. Mas se a convivência entre os jovens estabelece muito de como será a relação de cada um com a etapa escolar, os professores também desempenham papel importante tanto na aproximação quanto no distanciamento deles com o espaço escolar. Em relação ao preconceito de cor,

os professores podem atuar ou na manutenção do racismo ou na sua desconstrução. Por esses fatores, a escola é apontada como um espaço no qual se desenvolve a identidade negra, mas muitas vezes a experiência pode ser negativa e traumática, conforme já foi discutido em outras pesquisas (Gomes, 2003; Bueno e Victoria, 2018; Mesquita, Teixeira e Silva, 2020). Por isso, é importante investir na formação dos professores não só para evitar a reprodução do preconceito racial, mas também o preconceito direcionado a importantes marcadores sociais, como gênero e classe.

Discussão final

Pensar sobre a importância que o cabelo possui na construção das identidades nos ajuda a compreender que o cabelo é um elemento importante não só na história individual de cada mulher, mas na história coletiva que retrata a segregação e a discriminação racial. E, se houve progresso quanto à aceitação do cabelo crespo e cacheado, o cabelo liso como característica positiva por causa da sua associação à estética branca ainda permanece mais valorizado. E, nessa escala, o cabelo crespo ainda parece ocupar uma posição desprivilegiada nesse patamar. Além disso, os anúncios publicitários e as empresas de cosméticos começaram a destacar a importância da representatividade negra e a importância de desenvolver produtos que sejam não só voltados ao público negro, mas direcionados à valorização de suas características.

Por outro lado, além de os negros continuarem pouco representados nos anúncios publicitários em comparação aos brancos, ainda há o risco de essa representação reforçar certos estereótipos e certas pressões estéticas, levando as mulheres a uma pressão por terem cachos “perfeitos” e precisarem destinar longas horas de sua rotina a esse fim para poderem ser valorizadas nos espaços em que circulam, comprometendo em alguns casos até mesmo sua situação financeira em razão do preço e da quantidade dos produtos que precisam adquirir.

Em relação aos aspectos da vida social, o cabelo parece refletir afinidades mais amplas, tanto em aspectos mais pessoais quanto coletivos, como por exemplo suas visões de mundo. Dessa maneira, a formação de grupos de amizades e afinidades passam - não só, mas também - pelo aspecto físico e pelo modo que as meninas veem e decidem lidar com seus cabelos. Considerando que o cabelo reflete tanto a formação de características do indivíduo quanto de preferências de formação de laços sociais, no caso deste estudo foi possível observar que a prática estética destinada aos cabelos apareceu como parte de um conjunto de características que demarcavam perfis diferentes de meninas, algumas estabelecendo uma relação mais positiva e próxima em relação aos professores e aos projetos pedagógicos, enquanto outras estabeleciam uma relação mais disruptiva e distante. Dessa forma, a escola aparece como um dos principais espaços onde o desenvolvimento de certas características, afinidades e desafinidades se evidencia. Mas, além da importância para a formação de vínculos sociais, é importante reconhecer que a escola é um espaço importante para trazer discussões e informações que visam combater o racismo.

Referências bibliográficas

- Adichie, C. N. (2014). *Americanah*. Companhia das Letras.
- Aguiar, J. F. de, & Costa, C. S. da. (2021). A trajetória emancipatória do cabelo crespo: racismo, “boa aparência”, transição capilar e a afirmação da identidade negra. *Raído*, 15(37), 51–68.
<https://doi.org/10.30612/raido.v15i37.14640>
- Almeida, D. P. (2015). *Esse cabelo*. Teorema.
- Bueno, J., & Victora, C. (2018). Do que o nosso cabelo gosta: corporalidade e ativismo negro no discurso das Gurias Crespas e Cacheadas. *Interseções: Revista De Estudos Interdisciplinares*, 20(1).
<https://doi.org/10.12957/irei.2018.35883>
- Canuto, L. T. V., Meira, F. P. F., & Silva, A. C. A. da. (2023). Quicabelo é esse? Transição capilar da mulher negra, de objeto a sujeito. *Revista Debates Em Ensino De Química*, 7(2), 4–18.
<https://doi.org/10.53003/redequim.v7i2.4209>

- Carrera, F. A. S., & Oliveira, L. X. de. (2013). "Cabelo de Bombril"? Ethos publicitário, consumo e estereótipo em sites de redes sociais. *Novos Olhares*, 2(1), 67-75. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2013.57042>
- da Fonseca, S. M. M., Silva, A. P. da, & Teixeira Filho, J. G. de A. (2017). O Impacto do ciberativismo no processo de empoderamento: o uso de redes sociais e o exercício da cidadania. *Desenvolvimento Em Questão*, 15(41), 59–84. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2017.41.59-84>
- da Silva, A. L., & da Silva, C. (2021). A Base Nacional Comum Curricular e a Educação Étnico-Racial na promoção de uma educação antirracista. *REVISTA ELETRÔNICA ESQUISEDUCA*, 13(30), 553–570. recuperado de <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1056>
- Dayrell, L. (1996) A Escola como espaço sócio-cultural. Em J. T. Dayrell (Ed.), *Múltiplos Olhares: Sobre educação e cultura*.
- de Camargo, K., de Medeiros, P. M. (2020). A transição capilar nas mídias digitais: identificações em processo e representações em disputa. *Narrativas em disputa: as políticas públicas brasileiras entre continuidades e descontinuidades*. DOI: <https://doi.org/10.46269/8119.348>
- de Oliveira, A. J., Santos, B. B. dos, & Salvador, N. R. C. (2023). O cabelo como forma de expressão da identidade negra. *Revista Em Favor De Igualdade Racial*, 6(2), 21–35. <https://doi.org/10.29327/269579.6.2-3>
- Deus, F. R. (2018). *Identidade étnico-racial no Haiti: Estudo sobre o fenômeno contemporâneo de despigmentação "voluntária" da cor de pele à luz do Indigenisme Haïtien*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSP_906258af344565a097e591d422e13222
- Domingues, P. J. (2002). Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-asiáticos*, 24(3), 563–600. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000300006>
- Domingues, P. J. (2004). *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. Senac.
- Gheyntanchi, E., & Moghadam, V. N. (2014). Women, social protests, and the new media activism in the Middle East and North Africa. *International Review of Modern Sociology*, 40(1), 1–26. <http://www.jstor.org/stable/43496487>
- Gomes, N. L. (2003). Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação E Pesquisa*, 29(1), 167–182. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>

- Gomes, N. L. (2002). *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- González, L. (2020). Por um feminismo afrolatinoamericano. *Ensaio, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar.
- hooks, b. (2005). Alisando o nosso cabelo. *Revista Gazeta de Cuba - União de escritores y artista de Cuba*. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks>
- López, L. C. (2015). O corpo colonial e as políticas e poéticas da diáspora para compreender as mobilizações afro-latino-americanas. *Horizontes Antropológicos*, 21(43), 301–330.
<https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000100012>
- Mesquita, J., Teixeira, J., & Silva, C. (2020). “Cabelo (crespo e cacheado) pro alto, me levando a saltos” em meio à ressignificação das identidades de mulheres negras em contextos sociais e organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(2), 227-256.
doi:<https://doi.org/10.21529/RECADM.2020010>
- Nolasco, A., Ávila, L. F., & Jungblut, A. L. (2020). Likes, memes e militância: ciberativismo na internet brasileira. *Conversas & Controvérsias*, 7(1), e35328.
<https://doi.org/10.15448/2178-5694.2020.1.35328>
- Oliveira, T., Nunes, R. de C. & Silva, B. L., “Meu cabelo não é de Bombрил!” – Uma reflexão sobre como o racismo se apresenta no mundo da moda: Caso Ronaldo Fraga e o cabelo palha de aço. *11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, Blucher Design Proceedings*, Volume 1, 2014, Pages 2566-2577, ISSN 2318-6968,
<http://dx.doi.org/10.1016/designpro-ped-00140>
- Rodriguez, D. (2016). Mujeres en Círculo: análise do ativismo virtual gerado por uma comunidade feminista no Facebook. *Signos Do Consumo*, 8(2), 4-18.
<https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v8i2p4-18>
- Souza, A. L. S., & Muniz, K. S. (2017). Descolonialidade, performance e diáspora africana no interior do Brasil: sobre transições identitárias e capilares entre estudantes da UNILAB. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 18(2), 80–101.
<https://doi.org/10.26512/les.v18i2.5792>
- Souza, F. M. dos S., Bis Pirola, M. N., & Braga, J. B. (2020). De Lola para Loletes: A mulher negra nas embalagens de cosméticos capilares. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, 19(40).
<https://doi.org/10.5902/2175497740339>